

A transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior: Factores contributivos para uma boa adaptação e relação com o sucesso académico universitário.

António V. Bento
Guida R. Mendes
Universidade da Madeira

Resumo

O elevado crescimento da frequência do Ensino Superior, cerca de 30% nos últimos 30 anos, (Lencastre, L. et al., 2000) e as altas taxas de insucesso a nível universitário (40.6%) têm despertado a atenção quer de investigadores sociais quer da sociedade em geral. No nosso entender, é fundamental tentar perceber se esse insucesso se situa logo no primeiro ano e se está relacionado com a adaptação ao mais alto nível de ensino, no sentido de se desenvolverem estratégias de promoção duma boa adaptação e, conseqüentemente, do sucesso académico.

É neste sentido, que nos propomos, neste estudo, tentar analisar os possíveis factores que contribuem para uma adaptação bem sucedida à Universidade, bem como os possíveis factores de risco. Esta análise centra-se necessariamente no conhecimento e caracterização da população alvo (alunos do 1º ano da Universidade da Madeira no presente ano lectivo) assim como das implicações da transição entre níveis de ensino e da conseqüente adaptação ao ambiente Universitário.

Introdução

O insucesso escolar é um dos eixos de investigação educacional mais abordados nos últimos tempos, sobretudo após a massificação do ensino onde se constatou que a escola era incapaz de veicular o saber de igual modo a todos os seus alunos.

A transição do ensino secundário para o ensino superior pode ser perspectivada como potenciadora de crises e vulnerabilidades, bem como fonte de desafios desenvolvimentais (Santos, 2001). Enquanto professores do ensino Universitário temos vindo a constatar que o sucesso académico dos nossos alunos resulta de uma interacção entre factores pessoais, sociais e, ainda, os associados ao contexto Universitário.

Podemos considerar várias dimensões de análise que influenciam a adaptação, o percurso e o desempenho escolar dos alunos: aspectos socio-económicos, relações sociais, factores psicológicos, dimensão pedagógico-didáctica e aspectos relacionados com a organização curricular. Acrescem ainda as condições relativas à Instituição Universitária das quais se salientam, as seguintes: prestação de serviços, condições físicas, funcionamento dos órgãos institucionais, aspectos organizacionais (Alarcão, 2000; Correia et al., 2004).

Os conceitos de sucesso/insucesso assumem sobretudo duas dimensões: a do foro pessoal e, nesse sentido, subjectiva e a multifacetada, subjacente a vários domínios exteriores ao indivíduo. É no cruzamento entre estes dois eixos, o subjectivo (da satisfação pessoal com os resultados) e o objectivo (dos resultados de per si) que residem os indicadores de sucesso (Lencastre, et al., 2000).

Ainda segundo vários autores (Arroteia, 1996; Santos, 2001; Tavares, 2000; etc.) o insucesso escolar pode ser representado nos alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado; não adquirem os saberes que é suposto adquirirem; naufragam e reagem com condutas de retracção.

O insucesso caracteriza-se, segundo Benavente (1988), por ser massivo, cumulativo, precoce (manifesta-se sobretudo nos primeiros anos de cada ciclo) e socialmente selectivo.

Saliente-se que a percepção dos alunos acerca dos seus recursos internos e externos que lhe possibilitam um maior ou menor sucesso é determinante para analisar esta problemática. Nesse sentido, a avaliação do sucesso passa necessariamente pela análise das percepções dos alunos acerca do seu desempenho e da contribuição de factores exógenos para o mesmo.

Problema

Para podermos perceber as razões da adaptação ao ensino superior e a possível relação desta com factores sociais e escolares, nomeadamente de sucesso/insucesso, e desenvolver estratégias que possam minimizar as consequências negativas deste período importante na trajectória escolar dos alunos importa compreender e analisar as percepções dos alunos acerca desta problemática.

Nesse sentido formulámos, para além das questões sociodemográficas, as seguintes questões de investigação:

1. Qual a perspectiva dos alunos quanto ao seu desempenho durante o primeiro semestre na Universidade durante o ano lectivo de 2006/2007?
2. Que tipo de relacionamento desenvolveram com os colegas?
3. Como se sentiram psicologicamente durante o primeiro semestre?
4. Como classificam as condições físicas da Universidade?
5. Quais as dificuldades sentidas na adaptação ao ambiente universitário?
6. Que sugestões apresentam para facilitar a adaptação dos futuros alunos do 1º ano?

Metodologia

Elaborámos um questionário com 27 perguntas destinadas a obter dados acerca dos indicadores sociodemográficos, socioeducacionais, sociofamiliares e, por último, as percepções dos alunos quanto à adaptação e ao seu sucesso/insucesso escolar.

Os questionários foram aplicados aos alunos do 1º ano das diferentes licenciaturas existentes nos diversos departamentos da UMA, com excepção dos alunos de Medicina cuja autorização nos foi recusada por estes se encontrarem em época de excesso de trabalho.

Do total de 447 alunos inscritos na 1ª e 2ª fase conseguimos aplicar 293 inquéritos, constituindo-se assim uma amostra representativa dos alunos do primeiro ano da Universidade da Madeira. Contudo, por não termos o número suficiente de alunos representativos de alguns cursos iremos dar continuidade a este estudo com a aplicação de mais inquéritos.

Distribuímos os inquéritos em tempo de aula, após autorização prévia do docente e de uma breve explicação do objectivo do estudo aos alunos. A participação destes foi voluntária e foram observados os princípios éticos da confidencialidade. Por fim, aguardámos que completassem o preenchimento dos mesmos obtendo-se assim 100% de respostas dos inquéritos distribuídos.

Análise descritiva

A amostra da população dos jovens estudantes do 1º ano da Universidade da Madeira é constituída por 293 sujeitos. Tomando como referência as variáveis género, idade, nacionalidade e concelho de residência podemos fazer uma aproximação à caracterização sociodemográfica dos nossos alunos.

Assim, nesta amostra 64,2% são do género feminino e 35,8% são do género masculino. As idades destes alunos estão compreendidas entre os 18 e os 45 anos, sendo a maior percentagem a que se situa entre a idade 17-21 com 61,9%.

São maioritariamente portugueses (85%) estando igualmente representadas as seguintes nacionalidades: venezuelana (8,9%), sul-africana (3,8%), suíça (0,7%) e, ainda, angolana, brasileira, britânica e romena todas com 0,3%.

Quanto à residência, a grande parte dos alunos (47,8%), reside no concelho do Funchal. Seguem-se os concelhos de Santa Cruz (10,9%), Câmara de Lobos (9,9%), Calheta (6,1%), Ponta de Sol e Ribeira Brava, ambos com 4,1%, Santana (3,4%) e finalmente S. Vicente (1%).

Quanto à trajectória escolar dos alunos inquiridos, 89,8% afirmaram ter frequentado o ensino secundário público e os restantes 9,6% provêm do ensino privado. Aqui obtivemos 0,7% de não repostas.

A média geral de entrada na Universidade foi de 13,8 valores sendo que a média mais baixa dos alunos inquiridos foi de 10 valores e a mais alta foi de 18.

Uma esmagadora maioria dos pais dos alunos inquiridos possuem apenas o 1º ciclo como nível de escolaridade (91,1%) e, por oposição, apenas 10,3% atingiram o nível superior de educação onde os filhos se encontram no momento.

Neste estudo importa igualmente atentar ao indicador socioeducativo a partir dos níveis escolares atingidos pelas famílias de origem. Nesse sentido, verificamos que o nível de escolaridade dos pais (homens) dos nossos alunos se situa em grande maioria no 1º ciclo (49,5%), seguidos do 2º ciclo (17,1%), 3º ciclo (13%), secundário (11,6%) e, finalmente, ensino superior (3,1%). As mães, por seu lado, detêm o nível do 1º ciclo 41,6%, 2º ciclo e secundário 17,4% respectivamente, 3º ciclo (11,3%) e ensino superior (7,2%).

Quando perguntámos se o curso que frequentam foi a sua 1ª opção, 72,4% responderam afirmativamente e 27% responderam negativamente. Destes últimos, os seguintes cursos foram os que obtiveram maior percentagem de pretensão como 1ª opção: Comunicação, Cultura e Organizações (16,5%); Medicina (13,9%); Psicologia (12,7%); Serviço Social (11,4%); e Enfermagem (10,1%).

Os alunos inquiridos matricularam-se, no primeiro semestre, entre duas e oito unidades curriculares, sendo que a maior parte (43%) matricularam-se em quatro unidades curriculares seguidos de uma percentagem de 38,2% em cinco. Salientamos que esta discrepância de número de unidades curriculares frequentadas no 1º semestre se deve às diferenças nos desenhos dos cursos que a Universidade da Madeira ministra. Por exemplo, os alunos inscritos no Curso de Enfermagem podiam matricular-se num máximo de 8 unidades curriculares e os de Ciências de Educação em apenas quatro unidades curriculares.

Quanto ao sucesso (considerando o número de unidades curriculares que conseguiram concluir com aproveitamento), 2,0% dos alunos inquiridos não concluíram nenhuma unidade curricular, 6,1% concluíram uma, 8,5% passaram duas, 21,5%, passaram três, 25,3%, passaram quatro, e 25,3% passaram cinco, 3,4% passaram 6, 2,7% passaram 7 e, por último, 4,1% passaram 8. Perante estes resultados, podemos afirmar que os alunos inquiridos concluíram com sucesso entre 3 a 5 unidades curriculares (representando 72,1%) independentemente do número de unidades curriculares em que se matricularam.

Se tomarmos em consideração os indicadores referentes ao número de unidades curriculares em que se matricularam temos: 35,3% de alunos que se matricularam em 8 unidades curriculares terminaram com sucesso essas mesmas unidades. Por oposição, os alunos que se matricularam em apenas duas unidades curriculares não concluíram nenhuma com sucesso.

Importa pois avaliar se o facto de um aluno estar inscrito em muitas unidades curriculares condiciona o sucesso das mesmas. Essa avaliação pode ser estudada através do Coeficiente de Correlação de Spearman, uma vez que as questões em análise são de natureza ordinal. O valor do coeficiente obtido é inferior a 0,05, pelo que estamos em condições de rejeitar a hipótese do rho de Spearman ser zero. Assim, podemos concluir que existe correlação entre o número de unidades curriculares em que se inscreveram no 1º semestre e o número de unidades curriculares com sucesso.

Sendo o valor do coeficiente 0,667, podemos ainda concluir que à medida que o número de unidades curriculares inscritas aumenta, existe também um aumento no número de unidades curriculares concluídas com sucesso (pois o coeficiente é positivo). Por fim podemos afirmar que a associação existente é moderada (pois o coeficiente obtido está entre 0,4-0,69).

Ainda aqui, segundo o valor de prova obtido (valor de prova = 0,713 > 0,05) concluímos que não existe correlação entre o número de unidades curriculares inscritas no 1º semestre e o número de unidades curriculares com insucesso, ou seja, o facto de um aluno ter insucesso numa disciplina não está associado ao número de disciplinas em que está inscrito.

Relativamente à perspectiva dos alunos acerca do seu desempenho pessoal durante o primeiro semestre, indicaram um desempenho Razoável 59,7 %, um desempenho Bom 20,5%, Mau 10,9%, Muito Bom 4,4% e por último, Muito Mau 3,4%.

No que diz respeito ao relacionamento com os colegas os inquiridos classificaram de Bom 47,1%, Muito Bom 27,3%, Razoável 24,2% e Mau 1%.

O estado psicológico durante o primeiro semestre mereceu a classificação de Razoável para 44,4%, de Bem para 35,2%, Mal para 10,9%, e Muito Bem para 8,2%.

Por fim, os alunos classificaram as condições físicas da UMa como Razoáveis 60,1%, 31,7% Boas, 4,4 Más e apenas 3,1% Muito Boas.

Quanto às dificuldades de adaptação 25,3% dos alunos referiram razões de ordem *curricular*, 21,5 % referiram razões que se enquadram na categoria dos *alunos*, 16% referiram factores relacionados com a *instituição* e 11,6% referiram razões relacionadas com os *docentes*. É de referir que 17,1% dos inquiridos não indicaram qualquer dificuldade em adaptar-se à *Universidade*.

As razões mais aludidas pelos alunos inquiridos na categoria *curricular* foram “carga horária excessiva” “maior exigência” e “programas extensos. As razões mais referidas na categoria dos *docentes* foram “ métodos pedagógicos diferentes dos do secundário”, “distanciamento em relação aos alunos”. Na categoria *instituição* referiram sobretudo “desconhecimento do espaço”, “falta de espaço para estudo” e “falta de informações”. Por último, na categoria *alunos* algumas das razões mais apontadas pelos inquiridos foram as seguintes: “conciliação do trabalho com o estudo”, “ praxes” e dificuldades com a “sociabilidade”.

Conclusões

Este estudo de investigação realizado junto dos alunos do 1º ano a frequentarem a Universidade da Madeira no ano lectivo 2006/2007 tinha como objectivos primordiais, perceber as razões da adaptação ao ensino superior e a possível relação desta com factores sociais e escolares, nomeadamente de sucesso/insucesso, para propor estratégias que possam minimizar as consequências negativas deste período importante na trajectória escolar dos alunos a partir da compreensão e análise das percepções dos alunos acerca desta problemática.

Concluimos, no geral, que o nosso universo de alunos inquiridos são maioritariamente do género feminino, de nacionalidade portuguesa a residir sobretudo no concelho do Funchal. A esmagadora maioria frequentou o ensino secundário público e 72% dos inquiridos dizem frequentar o curso que escolheram como primeira opção.

Cerca de metade (42,3%) concluiu todas as unidades curriculares em que se matriculou e 57,7% não passaram a todas as unidades curriculares em que se matricularam.

A maioria dos inquiridos percebem o seu desempenho pessoal como razoável (59,7%) durante o primeiro semestre, a grande maioria (71,4%) classificaram o seu relacionamento com os colegas como Bom e Muito Bom e 79,6% descreveram o seu estado psicológico como Razoável e Bom.

Referências bibliográficas

Alarcão, I. (2000). Para uma conceptualização dos fenómenos de insucesso/sucesso escolares no ensino superior. In J. Tavares, & R. Santiago (Org). *Ensino Superior*. 11-23. Porto: Porto Editora.

- Arroteia, J. (1996). *O Ensino Superior em Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro
- Benavente, A. (1988). “Da construção do sucesso escolar. Equacionar a questão e debater estratégias”. In *Seara Nova*, nº 18, pp. 23-27
- Correia, T. Gonçalves, I & Pile, M. (2004). *Insucesso Académico no IST*. Disponível em http://gep.ist.utl.pt/files/estudos/2004/Ins_Acad_IST_vfinal.pdf. Retirado a 30 de Março de 2007.
- Lencastre, L., Guerra, M., Lemos, M. & Pereira, D. (2000). Adaptação dos alunos do 1º ano das licenciaturas da faculdade de ciências da Universidade do Porto. In J. Tavares, & R. Santiago (Org). *Ensino Superior*. 75-106. Porto: Porto Editora.
- Santos, L. (2001). *Adaptação Académica e Rendimento Escolar: Estudo com alunos Universitários do 1º Ano*. Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino – Aprendizagem. Braga: Universidade do Minho.
- Tavares, J. et al. (2000). *Transição para o ensino superior*. Braga: Universidade do Minho.

Como referir este artigo:

- Bento, A., e Mendes, G. (2007). “A transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior: Factores contributivos para uma boa adaptação e relação com o sucesso académico universitário”. *Educação para o sucesso: Políticas e actores. Actas do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (pp.245-251)(Vol. 2 em CD ROM)*. Porto: Legis Editora.